

As princesas da Disney e os possíveis processos de inclusão

*Giovana Guaita Primon*¹
*Sonia Maria da Costa Mendes*²
*Marislene Primon Grosso*³

doi.org/10.47585/eici2022.01.02

Introdução

É plausível discorrer que nossa sociedade sempre foi composta por uma miscigenação étnica. No Brasil, desde o período colonial, a miscigenação intensificou-se em decorrência da mistura de distintas culturas e por refletir a narrativa dos povos africanos, indígenas, europeus e asiáticos, proporcionando uma riqueza cultural. Podemos exemplificar, as festas e tradições populares, o carnaval originado dos portugueses, a influência arquitetônica pelos europeus, chineses e asiáticos, tanto no desenho ornamental como no exterior de algumas construções, a culinária africana e indígena presente no dia a dia de muitos brasileiros, entre outras.

Todavia, a riqueza cultural proporcionada pela hibridação, nem sempre foi aceita por uma parte da sociedade, de tal modo, gerando preconceito étnico, materializado pelo desrespeito ao 'diferente', tornando-se preocupante. Apesar dos avanços econômicos, culturais e comunicacionais nas últimas décadas, observa-se que a humanidade evoluiu muito pouco no quesito respeito e tolerância.

1 Acadêmica do Curso de Sistemas de Informação do Instituto Federal do Paraná - IFPR Campus Ivaiporã | E-mail: giovanaguaita@outlook.com

2 Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP). Docente do Instituto Federal do Paraná - IFPR - Campus Ivaiporã | E-mail: sonia.mendes@ifpr.edu.br

3 Acadêmica do Curso de Sistemas de Informação do Instituto Federal do Paraná - IFPR Campus Ivaiporã | E-mail: marisprimoon@gmail.com

Na contemporaneidade, deparamo-nos com atropelos constantes proporcionados inclusive pelas tecnologias de comunicação e informação, fazendo com que as tradições culturais e os legados que proporcionam a identidade de um povo sejam colocadas em segundo plano, resultando nas desigualdades sociais e na exclusão. Exemplos dessa natureza são observados com mais ênfase, entre outros, nas lutas de classes, nas divisões provocadas entre brancos e negros, no desrespeito aos direitos da mulher e seu empoderamento, na intolerância de todas as formas. Os estudos culturais tornam-se cada vez mais importantes para a compreensão desses fenômenos e contribuem para a crítica dos saberes consagrados, ao indagarem sobre os modos como vêm sendo produzidas historicamente as pedagogias, as ciências e demais interesses, de acordo com Silva *et al* (2014).

Os contextos elencados subsidiam e fornecem aos filmes da Disney destaques com o acréscimo progressivo de representatividades nas fábricas do entretenimento, tornando-o cada vez mais translúcido na contemporaneidade. Indivíduos de diferentes etnias e culturas buscam gradativamente seu protagonismo nos longas metragem e nas telas dos *streamings*, em busca de narrativas que ultrapassem a simplicidade de histórias rasas e estereotipadas para se tornarem memoráveis relatos que acabam por inebriar quem assiste.

Nesse ínterim, a muçulmana Mahim Ibrahim, ocupante do atual cargo de Diretora de Diversidade e Inclusão da Disney, revela que a transformação do comportamento deve acontecer tanto na frente quanto atrás das câmeras e se tornou possível alavancar a proposta com o poder intrínseco de contar histórias em busca de englobar em suas produções culturas e etnias que eram geralmente colocadas em segundo plano. Um trabalho de produção notável e influenciador da Disney refere-se às novas princesas em seus longas, fornecendo espaços para que as meninas, independentemente de sua origem, sintam-se princesas ao deparar-se com personagens que representam sua cultura.

Estamos acostumados com as histórias das princesas e seus contos de fadas como ponto central, a exemplo da Branca de Neve e Cinderela, as quais manifestam o modelo ideal de mulher submissa, de instinto materno, em uma sociedade demarcada pelo patriarcado. Maia *et al* (2020) corroboram que em muitos contos percebe-se com clareza os traços de uma sociedade patriarcal e que a beleza feminina deveria ser o fator mais importante, digna de ser salva por um príncipe. Enquanto as princesas mais atuais, como Tiana, de a Princesa e o Sapo, ou Pocahontas, englobam em seus filmes culturas que até então não tinham espaço na indústria do entretenimento.

A Disney evidencia um trabalho voltado para a diversidade, que de certa forma contribui para o processo de inclusão, considerado extremamente importante pela sua capacidade de influenciar crianças e adolescentes para reflexões mais inclusivas e menos estereotipadas ao redor do mundo.

Os procedimentos metodológicos pautam-se em um estudo de natureza qualitativa e descritiva. Os processos adotados foram: seleção das princesas da Disney com características específicas que representam visualmente suas etnias e contribuam para o processo de inclusão; seleção das personagens mais contemporâneas: Jasmine, Anastásia, Tiana, Pocahontas, Mulan, Esmeralda, Raya, Elena e Merida;

apresentação de sinopses dos filmes e representações visuais das princesas; depoimentos de produtores da Disney, seguido de inferências. Ancoramo-nos no Discurso Artístico (DA) proposto por Neckel (2015) para análise e interpretação das personagens, considerando suas características, ludicidade e polissemia. O DA permite estabelecer uma espécie de jogo com múltiplas possibilidades interpretativas. Neste caso, limitamo-nos às princesas e aos processos inclusivos.

Os estereótipos e o processo de inclusão

Até que ponto as princesas da Disney constroem narrativas influenciadoras de gerações? É verídico que as histórias produzidas pelo *The Walt Disney Studios* encantam diversas gerações. Narrações como a Bela e a Fera, Cinderela e Branca de Neve fazem parte da infância de muitos adultos. Contudo, por se tratar de animações, muitas vezes não é dada a devida importância para a verdadeira mensagem por trás da bela fachada de cores, imaginários e um final feliz.

O fato é que a maioria dos filmes produzidos pela Disney tem apresentado narrativas extremamente importantes e, no decorrer das décadas, o perfil de princesa indefesa, sem atitude e força de vontade vem decaindo em favor de personagens com características mais atuais. O filme *Valente*, por exemplo, apresenta ao público uma princesa totalmente rebelde frente à cultura submissa ao homem, que representa a voz das mulheres que por décadas lutaram por direitos. No primeiro momento, pode-se julgar como mais um filme de princesa, contudo, todas as características da princesa Merida refletem o empoderamento feminino, expondo uma quebra dos estereótipos das princesas. A diretora do filme, Brenda Chapman, foi a primeira mulher a produzir um filme da Pixar. O processo inclusivo é evidenciado tanto na animação, ao apontar a uma mulher guerreira, quanto no rompimento de pensamentos ultrapassados, que impõe padrões de beleza e da função social da mulher.

Sabidamente, uma sociedade justa e democrática deve oferecer as mesmas oportunidades a qualquer pessoa, independente do sexo ou etnia, infelizmente isso não ocorre. Outro exemplo fortíssimo é a princesa Mulan, que por sua coragem em se alistar no exército para lutar a guerra no lugar de seu pai, retira o conceito de mulher indefesa. Tanto na animação de 1998 quanto no *live action* de 2020, a Disney apresenta a personagem Mulan como alguém que não se encaixa nos padrões sociais, moldam a personagem para evidenciar a verdadeira coragem que boa parte das mulheres enfrentam cotidianamente; as lutas que muitas mães enfrentam ao acordar de madrugada, pegar transportes lotados para o trabalho e garantir o sustento de seus filhos.

A intenção é fazer com que as mulheres se espelhem, tenham coragem e determinação para encarar os desafios e lutas impostas sem abalar-se e usar sua voz para reivindicar seus direitos. O aumento da representatividade de minorias na indústria do entretenimento é um reflexo cristalino dos dias atuais, em que pessoas de diferentes etnias e culturas buscam, cada vez mais, protagonismo no cinema e nos streamings, em roteiros que possam ir além de meras histórias estereotipadas (CANQUERINO, 2021).

O ser humano é um sujeito sociável e influenciável, fruto do meio em que está inserido, a socialização molda, transforma e modifica, propicia a aquisição de novas linguagens, pensamentos, gostos e opiniões. O cenário mais recente construído em razão da globalização e do acesso às novas tecnologias de comunicação e informação, permite as sociedades interações rápidas e até mesmo instantâneas nas descobertas de novas culturas. Porém, ainda deparamos com enormes distanciamentos sociais, preconceitos e desrespeitos para com o próximo, considerados um desafio que exige lutas e requer ser superado.

No decurso desse ambiente, a Disney possui um papel fundamental frente ao seu poder de mídia mediante a apresentação de suas narrações à toda a faixa etária, tornando-se um ponto crucial para restringir a intolerância cultural, fortemente presentes na sociedade.

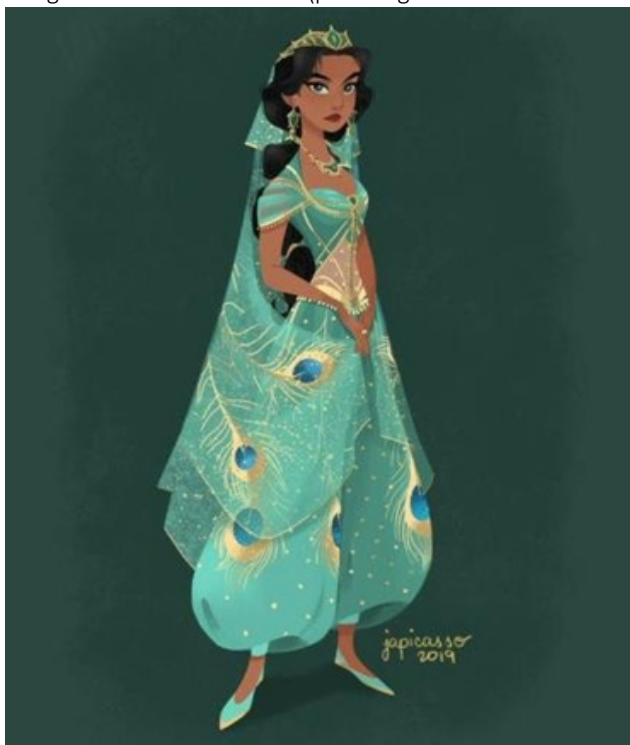
Ao apresentar princesas como a Jasmine, Esmeralda, Elena, dentre outras, molda-se como a sociedade percebe os costumes árabes, ciganos e latinos, além de proporcionar visibilidade a uma cultura extremamente estereotipada para muitos. Tsuji (2020) em entrevista com Claudia Neufeld (2020) diretora de Marketing do *The Walt Disney Company Brasil*, relata que o estúdio Disney sempre estimula práticas relacionadas a diversidade, tanto no comportamento, quanto no desdobramento das histórias, experiências, em produtos que se assemelhem aos mesmos traços culturais, com capacidade de gerar impulso para a vivência em conjunto. A diretora revela que existem cuidados ao abordar a inclusão e a diversidade em seu conteúdo e são os detalhes que deixam os filmes com características mais reais, a exemplo da princesa Elena de Avalor que caracteriza a cultura latino-americana e hispânica, tanto nas vestes que foram criadas pela brasileira Layana Aguilar, quanto nas músicas, ao exibirem ritmos de mariachi, salsa e *hip hop* chileno. Tudo é pensado para haver aproximação dos telespectadores com a rica cultura presente nos países espanhóis e latino-americanos.

Para Andrade e Cunha (2021), as transformações nas representações femininas nos filmes devem ser problematizadas, pois as princesas em especial as da Disney, são representadas dependendo do tempo e espaço onde as histórias ocorrem. Em toda narrativa histórica das princesas, observa-se a existência de um conflito, que coloca a prova o próprio personagem, “é o conflito que faz o personagem revelar o valor e a dimensão de sua vontade e mobiliza neste as capacidades que ajudam a torná-lo digno de admiração por parte do espectador” (VITORELO; PELEGRINE, 2018, p. 139).

As princesas e seus contextos

O significado de princesa no dicionário Piberam (*on-line*), refere-se herdeira presuntiva de uma coroa, soberana de um principado, imperatriz, filha de família reinante. Conforme o significado de princesa, apresentamos as princesas Jasmine, Anastasia, Tiana, Pocahontas, Mulan, Esmeralda, Raya, Elena e Merida e arriscamos fazer algumas inferências na perspectiva da AD quanto a representação visual e estereótipos empregados.

Figura 1 - Princesa Jasmine (personagem criada em 1992)



Fonte: Fala Universidade

Figura 2 - Pocahontas (personagem criada em 1995)



Fonte: Adorocinema

A história inicia-se com a ordem do sultão para que sua filha, a princesa Jasmine, encontre um marido. Com isso ela foge do palácio e se depara com Aladdin, o jovem malandro, que rapidamente conquista seu coração. Contudo ambos são encontrados pelos guardas reais de Jafar, o vizir do sultão, que possui um plano para se casar com Jasmine e assumir o controle do trono se tornando sultão. A fim de concretizar seu plano conta com a ajuda de Aladdin para encontrar a lâmpada mágica. Entretanto o plano de Jafar falha e o jovem malandro acaba com a lâmpada, que após descobrir o poderoso e simpático gênio que a lâmpada continha usará seus três desejos para conquistar a bela princesa. Porém, Jafar se revelará um inimigo maléfico que precisará ser detido. O orientalismo em Hollywood tem uma longa história de acordo com Alsultany (2019).

Os primeiros filmes, como *O Sheik* (1921) e *As Mil e uma Noites* (1942), retratam o Oriente Médio como uma terra de fantasia monolítica - um deserto mágico repleto de gênios, tapetes voadores e homens ricos vivendo em palácios opulentos com suas meninas de harém (ALSULTANY, 2019, n.p.).

No *live-action*, que estreou em 24 de maio de 2019, o Conselho Consultivo Comunitário constituído por acadêmicos, artistas e ativistas do Oriente Médio foi consultado para o desenvolvimento da personagem, reforçando a base da animação de 1992 que desviou a princesa do padrão eurocêntrico vigente que as demais princesas possuíam.

Jasmine foge dos padrões da princesa com a pele branca, olhos claros e se apresenta com

características dos povos muçulmanos a começar com a cor de pele, lenços na cabeça, acessórios dourados e vestimentas leves, quase se aproximando da realidade. Jasmine, encoraja as meninas para um espírito livre, anseia pela liberdade, se opõe a um casamento arranjado que visa riqueza, a se casar por amor. Comportamentos estes, percebidos em distintas civilizações pautadas no patriarcado, em tradições onde o papel da mulher ainda se restringe a obediência aos pais ou marido.

Pocahontas (Figura 2) foi baseada em uma história real, o filme relata a chegada de um navio inglês que buscava um 'Novo Mundo' e entre a tripulação encontrava-se o ganancioso governador da Inglaterra e o capitão John Smith. Ao desembarcarem em uma terra inexplorada, John se depara com uma belíssima índia. Ambos se apaixonam, contudo, um conflito gerado pelo preconceito os separa. Porém, ambos irão intervir para que os dois lados se entendam, que apesar das diferenças físicas, são semelhantes por dentro. Pocahontas batalhou por paz e reconciliação, sempre almejando que os dois povos entendessem que apesar das diferentes culturas e etnias, poderiam viver em harmonia.

Pocahontas apresenta uma beleza exótica e impar, cabelos longos, pele cobreada, corpo esguio, escultural, anda descansa e enaltecerá a cultura indígena. A Disney apresenta-a como uma personagem despojada, corajosa e aventureira que possui ideais de vida, preservará a natureza, valida que a beleza pode estar nas distintas etnias. São fatores que acabam por influenciar culturalmente o modo de pensar e agir socialmente, principalmente em questões relacionadas a natureza, sobre a figura estereotipada do indígena construído no processo histórico. A desmistificação de estereótipos se faz urgente e necessária, inclusive junto as crianças. A personagem Pocahontas carrega não somente as características dos povos nativos, mas seus costumes e ideais ao evidenciar a importância do papel da mulher em sua cultura.

Figura 3 - Princesa Mulan (personagem criada em 1998)



Fonte: Fala Universidade

Figura 4 - Princesa Tiana (personagem criada em 2009)



Fonte: Fala Universidade

A Princesa Mulan (Figura 3) tem a narrativa que se desenvolve no ano 450 d.C., quando Shan-Yu, chefe dos Hunos invade a China Imperial, irritado pela edificação da Grande Muralha. O Imperador determina para que um homem de cada família seja intimado a servir o exército expulsando os invasores. Fa Mulan, compreendendo que seu pai, um ex-soldado, está idoso e enfermo, e, provavelmente não sobreviveria à guerra, assume o lugar dele, se disfarçando de homem e apresentando-se ao exército com o mesmo uniforme que pertencia a seu pai. Os antepassados da família Fa Mullan defendem que se o segredo for revelado ela será morta por traição. Assim resolvem enviar o Grande Dragão de Pedra a fim de resgatá-la. Mas Mushu, o dragãozinho que desperta os ancestrais com o gongo, acidentalmente esmigalha a estátua do tal dragão ao esforçar-se para despertá-lo. Preocupado-se com a fúria dos espíritos, decide partir às escondidas para ajudar a jovem a regressar vitoriosa, e desse modo tomar o lugar de guardião da família de Fa Mullan.

A princesa Mulan de origem chinesa, rompe com padrões estereotipados relacionados a ideia de que a mulher não pode atuar ou ocupar determinadas profissões, ou espaços restritos a homens, a exemplo da guerra. A coragem e valentia de Mulan a difere das demais princesas pela bravura e por se submeter a uma situação de risco em favor de sua família, outro aspecto é não ser presa na ideia do casamento. É a primeira heroína que não faz parte da realeza, seja por nascimento ou casamento, no entanto, é considerada uma princesa, por salvar a China com seu ato de heroísmo.

Trabalhadora e pretensiosa, Tiana (Figura 4) almeja conquistar seu sonho em fundar o melhor restaurante que Nova Orleans já teve. Contudo seu sonho sofrerá um leve equívoco após conhecer Naveen,

Figura 5 - Princesa Anastácia (personagem criada em 1997)



Fonte: Fala Universidade

Figura 6 - Princesa Esmeralda (personagem criada em 1996)



Fonte: Fala Universidade

Figura 7 - Princesa Merida (personagem criada em 2012)



Fonte: Fala Universidade

Figura 8 - Princesa Elena (personagem criada em 2016)



Fonte: Fala Universidade

o príncipe da Maldonia, que ao envolver-se com o Dr. Facilier é transformado em sapo. Equivocando-se com a jovem ao julgar ser uma princesa, Naveen a beija na esperança de quebrar o feitiço e acaba transformando-a também em sapo. Ambos entram em uma aventura por meio dos pântanos em busca da poderosa sacerdotisa vodú.

Tiana é a primeira princesa negra da Disney. No filme “A princesa e o sapo”, alguns críticos tecem comentários sobre o reforço dado aos estereótipos e indícios de racismo sobre a população negra norte-americana. A personagem Tiana poderia ser mais bem conduzida pela Disney no sentido de contribuir para clarificar e desmistificar conceitos e preconceitos instaurados em nossa sociedade, na tentativa de romper paradigmas excludentes em especial no que se refere a cor da pele, nas oportunidades sociais e culturais.

O maléfico feiticeiro Rasputin profere um feitiço nos Romanovs reais os obrigando a fugir, entretanto somente a Grã-Duquesa e a jovem princesa Anastásia escapam, porém, acabam desaparecendo na invasão do palácio. Anos após o incidente, a Grã-Duquesa na esperança de rever sua neta oferece uma recompensa por seu retorno. Assim dois charlatões russos, John Cusack e Kelsey Grammer, traçam uma estratégia para tentar obter o dinheiro, escolhendo entre garotas órfãs as que mais se assemelhavam a princesa perdida. Ao se depararem com Anastásia, decidem levá-la a Paris pela recompensa, sem possuírem a consciência de que ela é a verdadeira princesa. A princesa Anastásia é de origem russa, mistura ficção e realidade histórica ao envolver guerra, lutas para sobrevivência, adoção familiar e mudança de posição social.

O Corcunda de Notre Dame se desprende imensamente do estereótipo Disney, revelando uma narrativa abarrotada de críticas sociais e ao poder, particularmente ao da Igreja medieval. Uma aventura animada protagonizada pelo bondoso e desfigurado Quasimodo, um jovem encarregado de fazer soar os sinos da Catedral de Notre Dame. Assim, passa seus dias isolado em uma torre, tendo os gárgulas como companhia. Ele anseia por um dia poder estar com outras pessoas, e finalmente se encontrar com a belíssima Cigana Esmeralda. Porém quando a jovem desperta o interesse do guardião de Quasimodo, o maléfico Frollo, precisa ajudá-la a ficar longe de suas garras e más intenções. A princesa Esmeralda é de origem cigana e suas características estão em ser destemida, corajosa e sensível aos excluídos. É percebida como heroína ao lutar pela paz e tentar fazer com que a sociedade aceite e trate o povo cigano como seres humanos. Temos aqui uma luta milenar contra os preconceitos instaurados ao povo cigano por possuir uma cultura diferente das costumeiras socialmente e as representações tentam desmistificar.

No longa de 2012, a jovem princesa Merida (Figura 7) pertencente ao clã escocês DunBroch, deverá se casar com o jovem que ganhar sua mão em uma competição de arco e flecha, e conseqüentemente herdar o trono de sua nação. Decidida a não aceitar o casamento forçado, Merida apresenta-se na competição a fim de lutar por sua própria mão em casamento. Contudo, ao ser repreendida por sua mãe, a garota foge para a floresta e encontra uma bruxa, a qual lhe entrega uma poção com o intuito de modificar a opinião da rainha. Entretanto ao tomar a poção a mãe da princesa se transforma em um urso. Assim, Merida sai em uma jornada na esperança de quebrar o feitiço antes que se torne permanente. Em suas representações, o foco principal da princesa de origem escocesa é se rebelar contra as tradições de sua família e destacar a importância do empoderamento feminino, evidenciado pela coragem e independência.

A trajetória da princesa Elena (Figura 8) iniciou-se a muitos anos, na época em que os pais e o reino foram apoderados pela tenebrosa bruxa Shuriki. Corajosamente Elena lutou contra a bruxa a fim de defender sua irmãzinha e seus avós, todavia durante a batalha, acabou sendo absorvida por seu amuleto mágico, salvando assim sua vida, porém a tornando prisioneira. Dezenas de anos após o ocorrido, a princesa Sofia de Encantia, tomou conhecimento sobre a verdadeira história do amuleto que usa desde que entrou para a família real, e resolve libertar Elena, trazendo-a a sua forma humana, possibilitando que a mesma retornasse ao reino Avalor.

Para Moraes (2016), as crianças latino-americanas vão se enxergar na personagem, pois ela se veste como elas, dança como elas, vive em um ambiente semelhante ao delas.

Figura 9 - Princesa Raya (personagem criada em 2021)



Fonte: Fala Universidade

Elena tem a pele morena bronzeada, olhos castanhos, cabelo preto, uso de acessórios dourados, flores no cabelo, vestido vermelho e sapatos com estampas de flores, inspirado nas culturas peruana e incas com o traço da estilista brasileira Layana Aguilar.

O filme relata a história do antigo reino de Kumandra, onde humanos e dragões moravam em harmonia. Contudo o reino sofreu ataque dos Druun, que eram criaturas sem controle e irracionais que transfiguravam humanos em pedra. Para salvar a humanidade, os dragões se sacrificaram, porém, após o ocorrido o reino se fragmentou. Em consequência, Raya, a princesa responsável pela guarda da joia do dragão, se vê obrigada a encarar uma jornada a fim de encontrar o último dragão, com o intuito de extinguir os monstros e finalmente reunir todos os povos novamente.

Raya é uma princesa destemida, guerreira e idealista, no entanto, tem dificuldades em acreditar nas pessoas a sua volta e para isso se fecha em seu mundo. Sua atitude em salvar o mundo, evidencia que a mulher pode ser o que ela quiser e para isso precisa ser empoderada. De acordo com Maia (2021) a Disney aposta em representatividade e no empoderamento feminino.

Algumas reflexões

As princesas da Disney apresentadas no estudo, sinalizam possibilidades para um trabalho cultural, no sentido de refletir sobre os Direitos Humanos como condição essencial em nossa sociedade, demarcada muitas vezes pela exclusão social. O trabalho com os processos inclusivos requer uma luta diária para haver, de fato, empatia e para que sejam assegurados os Direitos Humanos, pois, considerando os discursos visuais, estes “também carregam a característica da não neutralidade [...]” (MARTINS, TOURINHO, 2009, p. 144). Neste contexto, a escola como meio transformador, pode atuar como protagonista no processo reflexivo e rupturas de paradigmas a partir das representações das diferentes personagens apresentadas, desmistificar conceitos e preconceitos, promover discussões sobre as diferentes formas de perceber as distintas culturas. Seria o cinema, mais precisamente as princesas da Disney um meio ou janelas possíveis para desmistificar paradigmas excludentes? Parece que sim, se considerarmos a extensão simultânea da imagem e do som, do emocionar diante de um acontecimento (TERUYA, 2006). A ideia de aldeia global tem a capacidade de hegemonizar a massa de telespectadores, as novas mídias são extensões do corpo e da mente, na percepção de McLuhan (1979). Analisar as personagens princesas, envolve processos educacionais e reforça a importância em compreender o lugar fundamental das tecnologias de comunicação e da inteligência na história cultural, que requer ser percebida de uma nova maneira, envolvendo reflexões críticas de forma contextualizada, questionando aquilo que se vê. De acordo com Levy (1998, p. 17) “Uma coisa é certa: vivemos hoje uma destas épocas limítrofes em que a antiga ordem das representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimentos e estilos de regulação social [...]”.

Mesmo propondo personagens de princesas da Disney de diferentes etnias, alguns estereótipos permanecem, como o corpo esguio, magras, a idade, ou seja, sempre jovem, salvo pequenas exceções. Outro fator é a ideia de que as meninas precisam se casar na fase adulta e precisam de um príncipe, no entanto, algumas princesas se recusam a tais tradições em favor da liberdade, em

fazer suas próprias escolhas e a ideia de ‘amor’ no sentido estereotipado como condição única para emancipação da mulher, acaba por promover profundas reflexões.

Os reflexos das desigualdades possuem relações de interdependência com outras instituições sociais, afeta as oportunidades e o estilo de vida, conforme Galliano (1981). No entanto, torna-se salutar encorajar em especial as meninas para o empoderamento e protagonismo por meio de ações que possam romper com determinados estereótipos instaurados em nossa sociedade.

A cultura visual permite reforçar ou desmistificar a visão estereotipada que temos muitas vezes do “outro” e para isso, pretende-se que as reflexões, possam abrir possíveis caminhos por meio do entretenimento, para uma análise mais crítica e reflexiva, visando romper com paradigmas excludentes sobre determinados povos e sociedade. A forma de ver e interpretar o mundo, bem como ver por meio da cultura hegemônica e não pelo que vivemos e vemos, afeta a formação e podem excluir questões fundamentais, seja pela experiência ou saberes (HERNANDEZ, 2007). Cada personagem (princesa) carrega uma determinada cultura, lutas contra o preconceito cultural, os costumes de determinados povos excluídos, a exemplo dos ciganos, assim como a cultura afro e suas lutas para conquistar seu espaço social e cultural precisa ser mais bem explorada, é inaceitável que a cor da pele nos defina socialmente, que possa ditar critérios.

O mundo passa por reflexões profundas no sentido dos Direitos Humanos, ao promover questionamentos, entre outras, os direitos da mulher na sociedade, na política, nos espaços de decisão e poder em todas as culturas. É inaceitável atualmente convivermos com as diferenças gritantes entre os povos, exacerbadas de estereótipos e preconceitos instaurados.

Considerações finais

As reflexões apontam para uma mudança no padrão de construção das personagens princesas da Disney, as quais possuem intenso trânsito no universo de crianças e adolescentes, especialmente no feminino. Podemos considerar que a Disney influência a formação cultural e social das crianças e adolescentes nas mais distintas civilizações. No entanto, os processos de inclusão poderiam ser bem mais explorados em seus filmes, séries ou animações de forma educativa, no sentido de desmistificar os estereótipos instaurados sobre as diferentes etnias. Compreender que as culturas diferem-se umas das outras é essencial na formação humana e as reflexões sobre o modo de agir e reforçar as diferenças, inclusive enaltecer a diversidade cultural para que as crenças, costume ou dogmas, possam ser respeitados.

Os estudos apontam entre outros, a necessidade de aprofundamentos sobre a educação formal e as princesas destacadas; a importância de estudos sobre a construção do empoderamento das mulheres; no trabalho sobre as crenças e dogmas instaurados que promovem a exclusão de povos; isto é, são caminhos possíveis que merecem estudos em próximas oportunidades em favor dos Direitos Humanos.

Concluimos que os movimentos de luta pelos Direitos Humanos devem ser fortalecidos nas diferentes esferas sociais e culturais, na busca incessante pela igualdade, rupturas com os estereótipos, inclusive os relacionados a mulher, os quais precisam dialogar, estabelecer interconexões e avançar.

Referências

ADOROCIMENA. 2020. Disponível em: <<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-3316/>>. Acesso em: 15 dez. 2021.

ALSULTANY, Evelyn. Por que o novo 'Aladdin' reforça estereótipos sobre a cultura árabe? **Galileu**, 30 maio 2019. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/Cinema/noticia/2019/05/por-que-o-novo-aladdin-reforca-estereotipos-sobre-cultura-arabe.html>> Acesso em: 4 jan. 2022.

ANDRADE, Lays Christine Santos de; CUNHA, Renata Cristina. Brave e a desconstrução da imagem de Princesa da Disney. **Macabeia**, v. 18, n. 1, 2021. Disponível em: <<http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/2759>>. Acesso em: 5 jan. 2022.

BRAYNER de Farias, André; FANTINEL, Fernando Sidnei. **Racismo em variação: contribuições para a crítica biopolítica**. Caxias do Sul, RS: Ed. UCS, 2019. Disponível em: <<https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-racismo-variacao.pdf#page=60>>. Acesso em: 17 dez. 2021.

CANQUERINO, Marcelo. Disney reforça aposta em diversidade com 'diretora de inclusão' muçulmana. **Veja**, julho de 2021. Disponível em: <<https://www.msn.com/pt-br/cinema/noticias/disney-refor%C3%A7a-aposta-em-diversidade-com-diretora-de-inclus%C3%A3o-mu%C3%A7ulmana/ar-AAM3yUl>>. Acesso em: 11 maio 2021.

FALA UNIVERSIDADES. **Princesas da Disney**. Disponível em <https://falauniversidades.com.br/mulan-tudo-sobre-a-8-princesa-da-disney/> Acesso em 20 de jul. 2022.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

GALLIANO, A. G. **Introdução a Sociologia**. São Paulo: Haper & Row, 1981.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensão do Homem**. São Paulo: Cultrix, 1979.

MAIA, Luiza. Cinco curiosidades sobre Daya e o Último Dragão. **Veja Rio**, março de 2021. Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/criancas/curiosidades-animacao-roya-disney/>> Acesso em: 13 maio de 2022.

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi *et al.* Padrões de Beleza, Feminilidade e Conjugalidade em Princesas da Disney: uma Análise de Contingências. **Revista Diversidade e Educação**, v. 8, n. especial, p. 123-142, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/9812>>. Acesso em: 10 maio 2022.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **Educação da Cultura Visual**: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria, RS: EdUFMS, 2009.

MORAIS, Jociane. Mundo encantado da Disney ganha princesa inspirada na cultura latina. **Correio Braziliense**, 17 set. 2016. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/turismo/2016/09/17/interna_turismo,548701/mundo-encantado-da-disney-ganha-princesa-inspirada-na-cultura-latina.shtml>. Acesso em: 15 maio 2022.

NECKEL, Nádia Régia Maffi. Das discursividades da imagem e suas projeções sensíveis do/no discurso artístico: um percurso em AD. *In*: TASSO, Ismara; CAMPOS, Jeferson. **Imagem em discurso**: a formação das modalidades enunciativas. Campinas, SP: Pontes, 2015.

PIBERAM. **Dicionário**. Disponível em <<https://dicionario.priberam.org/princesas>>. Acesso em: 21 jul. 2022.

SILVA, Viviane de Almeida *et al.* Uma análise sobre o filme: a princesa e o sapo. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 1, 2014, Campina Grande, PB. **Anais...** Campina Grande, PB: Realize, 2014. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2014/Modalidade_1datahora_11_08_2014_17_08_20_idinscrito_488_569a4c6fe81f7250acbdba8c9b29bc8e.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2021.

TERUYA. Tereza Kazuko. **Trabalho e Educação na era midiática**: um estudo sobre o mundo do trabalho na era midiática. Maringá, PR: Eduem, 2006.

TSUJI, Fernanda. Como a Disney trata sobre diversidade e família em seus desenhos. **Claudia**, 2020. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/sua-vida/como-a-disney-trata-sobre-diversidade-e-familia-em-seus-desenhos/>>. Acesso em: 18 dez. 2021.

VITORELO, Raquel; PELEGRINI, Christian. Valente: a desconstrução dos estereótipos femininos em uma princesa Disney. **Revista Entreideias**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 135-152, jan./jun. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/21480/15875>>. Acesso em 13 maio 2022.